

AS FONTES DE DUARTE PACHECO PEREIRA NO "ESMERALDO DE SITU ORBIS" (IV).

A **História Natural** de Plínio é logo após o **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, a fonte mais importante de Duarte Pacheco Pereira no seu **Esmeraldo de situ orbis**. Encontramos no texto da obra de Duarte Pacheco vinte e sete passos em que, de maneira explícita ou não, verificamos nitidamente a influência de Plínio e da sua **História Natural**. Dezassete vezes Pacheco cita Plínio e a sua obra, não se esquecendo, em grande parte dos casos, de dar a indicação precisa do Livro e do Capítulo que traduz, ou cujas idéias repete. Nas restantes dez vezes, não cita, nem Plínio, nem a **História Natural**, mas a influência deste autor e desta obra é sempre mais ou menos nítida.

Também podemos desde já afirmar que, nalguns casos, entre os textos latinos da **História Natural** (92) e as traduções

(92). — Servímo-nos das seguintes edições modernas da **História Natural**: Pline l'Ancien-Histoire Naturelle... avec la traduction en français par M. E. Littré, 2 Volumes, Paris, 1848-1850; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre I, Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1950; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre II, Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1950; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre VIII, Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1952; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre IX, Texte établi, traduit et commenté par E. de Saint-Denis, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1955; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XI, Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout et le Dr. R. Pépin, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1947; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XII, Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1949; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XIII, Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1956; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XIV, Texte établi, traduit et commenté par J. André, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1958; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XXVI, Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout et le Dr. R. Pépin, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1957; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XXVII, Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1959; Pline l'Ancien-Histoire Naturelle, Livre XXXIV, Texte établi et traduit par H. Le Bouniec, commenté par H. Gallet de Santerre, et par H. Le Bouniec, Paris, éd. "Les Belles Lettres", 1953.

que dêles dá Duarte Pacheco na sua obra, existe uma evidente falta de acôrdo. Este desencontro estende-se mesmo às edições latinas da obra de Plínio de que o autor do **Esmeraldo** poderia ter tido conhecimento, como as dos últimos anos do século XV (93), nitidamente anteriores à data em que Duarte Pacheco Pereira começou a redação da sua obra. Ao procurarmos edições da obra de Plínio em línguas vulgares, deparámos com a tradução italiana de Christophoro Landino publicada em Veneza em 1476 (94) e 1481 (95), em que o acôrdo com os textos do **Esmeraldo** é tal que Duarte Pacheco Pereira chega mesmo a reproduzir erros de tradução feitos por Christophoro Landino.

Assim, tal como acontece com o **Tratado da Esfera** de Sacrobosco, Duarte Pacheco Pereira, muito fraco latinista, utilizou a obra de Plínio não através de um qualquer texto latino da época, mas sim numa edição em língua vulgar, no caso presente, a tradução italiana de Christophoro Landino.

*

Vejamos a primeira citação que Duarte Pacheco Pereira faz da **História Natural**, logo no começo do Prólogo do Livro I do seu **Esmeraldo**:

“... e Gaio Plinio, senador de Roma, excilente autor, no seu segundo livro da **Natural História**, capítulo sassetenta e nove, diz que Hano Cartiginense navegou da cidade de Calez até o sino Arábico;...”.

Neste curto texto Duarte Pacheco refere-se, como êle próprio o diz, a um passo do Livro II, Capítulo 69 (nas edições modernas 67) da obra de Plínio, que em todos os manuscritos e em tôdas as edições latinas, nomeadamente na de Veneza de 1472 e na de Parma de 1476, edições que êle poderia ter consultado, se pode ver com a seguinte forma:

“Et Hanno Carthaginis potentia florente circumuectus a Gadibus ad finem Arabiae nauigationem eam prodidit scripto,...”.

-
- (93). — Citamos como exemplo as edições latinas do século XV: *Historia naturalis Caii Plinii ex recensione Joannis Andreae*, Venetiis, 1472; *Caii Plinii Secundi. Historia naturalis ex emendatione Philippi Beroaldi*, Parmae, 1476.
- (94). — *Historia Naturale di C. Plinio Secondo, tradotta di lingua latina in fiorentina per Christophoro Landino Fiorentino al Serenissimo Ferdinando Re di Napoli*, Venetiis, 1476.
- (95). — *Naturale historia di G. Plinio Secondo, tradotta in lingua fiorentina per Christophoro Landino*, Venetiis, 1481.

Duarte Pacheco não reproduz com fidelidade o texto de Plínio no passo do **Esmeraldo** que acabamos de citar. Podemos fazer notar que Pacheco substituiu o ablativo **Carthaginis potentia florente**, pelo adjetivo **Cartiginense**, e também que, onde Plínio escreve **ad finem Arabiae**, êle escreve **até o sino Arábico**.

Será legítimo ver nestas divergências apenas sinais de uma tradução livre do texto de Plínio por Duarte Pacheco? Esta hipótese seria aceitável se na realidade Duarte Pacheco Pereira não tivesse utilizado, em vez do texto latino, a tradução italiana da **História Natural** de Christophoro Landino publicada em Veneza em 1476 e em 1481, na qual lemos:

“Et Hannione Carthaginese nauicho da Gadi in sino nell Arabia”.

Poderemos ainda acrescentar que Duarte Pacheco, além de fraco latinista, também não se revela muito forte conhecedor do italiano, pois traduz **in sino** como se se tratasse de um substantivo significando **gôlfo**, quando se trata de uma preposição que significa **até**.

Ainda neste mesmo texto do Prólogo do Livro I do **Esmeraldo**, imediatamente a seguir, Duarte Pacheco continúa:

“... e dizem mais estes autores, que Eudoxo, fugindo das mãos del Rei Latiro d’Alixandria, navegou do mesmo sino Arábico até Calez;...”.

Estes autores, são Estrabão e Plínio. A obra de Estrabão, como já vimos neste estudo, que Pacheco muito provavelmente não conheceu diretamente, conta, na verdade, longamente a história de Eudoxo, no Livro II, Capítulo 3, parágrafos 4 e 5, mas sem a mínima alusão ao rei Latiro. É pois da obra de Plínio que nos pode vir a compreensão do texto de Pacheco. No Livro II, Capítulo 69 (nas edições modernas 67), da **História Natural**, logo após o passo relativo a Hannon, lemos:

“Praeterea Nepos Cornelius auctor est Eudoxum quendam sua aetate, cum Lathyrum regem fugeret, Arabico sinu egressum Gades usque peruectum,...”.

Também neste passo é evidente que Duarte Pacheco se serviu da tradução italiana de Christophoro Landino:

“Cornelio Nipote scriue che uolendo uno chiamato Eudoxo fuggire delle mani del Re Lathiro: nauicho dal golfo d’Arabia in sino in Gadi”.

Notemos que a expressão **fugindo das mãos** não aparece no texto latino, e é sem dúvida alguma a tradução de **fuggire delle**.

mani do texto italiano. Quanto à qualificação de Latiro como rei de Alexandria, veremos quando nos ocuparmos de Pompônio Mela que Duarte Pacheco a foi buscar à obra dêste, o **De Situ Orbis**.

*

Duarte Pacheco Pereira repete ainda, em dois capítulos do seu **Esmeraldo**, as idéias expressas nestes dois passos do Prólogo do Livro I.

No Capítulo 13 do Livro I:

“... e posto que os antigos escritores muito alumiados de doutrina fossem e d’algũa parte de suas excelentes obras algum pouco nos aproveitássemos, depois de ser perdida a navegação que fez Menelao Carteginense de Calez pela Etiópia de Guiné até o sino Arábico, e Eudoxo do mesmo lugar até Calez, pelos livros que dos antigos cosmógrafos ficaram, para esta navegação nenhũa cousa nos podemos deles aproveitar, salvo daquilo que com muito trabalho e grandes despesas os príncipes sobreditos mandaram descobrir, e assi do que ora Vossa Alteza descobrio e novamente soube;...”.

Façamos notar, entretanto, um êrro neste último passo: em vez de **Menelao e Hano Carteginense** vemos escrito **Menelao Carteginense**, o que não deve passar de um lapso do copista do século XVIII (96); seja que êle tenha pensado indicar **Menelao e Hano Carteginense**, ou que tenha escrito **Menelao** por engano, em vez de **Hano**.

O outro passo em que Duarte Pacheco se refere a êste mesmo assunto, pode ver-se no Capítulo 1 do Livro III:

“Grande festa fizeram os antigos escritores da navegação que se diz que fez Menelao, de Calez até o sino Arábico, e assi Eudoxo, do mesmo lugar até Calez, e Hano Carteginense de Espanha até o golfão d’Arábia, o que tudo isto é ãa região;...”.

(96). — O texto do *Esmeraldo de situ orbis* é, como já dissémos, conhecido através de dois manuscritos que não são mais do que duas cópias do século XVIII, o mais antigo da primeira metade dêsse século e pertencente à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Codex CXV, 1-3), e o mais moderno da segunda metade dêsse mesmo século, e pertença da Biblioteca Nacional de Lisboa (Secção de Reservados, Fundo Geral 888; cota antiga: Codex B-17, 7). E ainda êste segundo manuscrito não passa de uma cópia do manuscrito de Évora, podendo ver-se a demonstração dêste fato na nossa obra, ainda inédita: “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée).

Outro passo do **Esmeraldo** que também nos parece demonstrativo da utilização que Duarte Pacheco fez da tradução italiana de Christophoro Landino, pode ver-se no Capítulo 2 do Livro I:

“... e Plínio, no seu segundo livro da **Natural História**, capítulo sessenta e sete, diz que tôdalas águas são postas no centro da terra...”.

Nas edições latinas da **História Natural**, Capítulo 67 (nas edições modernas 65) do Livro II, lemos:

“... ergo totas, omnique ex parte aquas uergere in centrum ideoque non decidere, quoniam in interiora nitantur”.

Passo que Christophoro Landino traduz de maneira inexata:

“Adūq tutte laque daogni parte uāno alcentro & non caggiano: perche si fermano nelle parti inferiori”.

Duarte Pacheco não se serviu do texto latino de Plínio, mas seguramente da tradução italiana de Christophoro Landino. A expressão **são postas no centro da terra** corresponde na verdade a **si fermano nelle parti inferiori**, e não a **in interiora nitantur**. A inexatidão da tradução de Landino reflete-se no texto de Pacheco, e daqui o autor do **Esmeraldo** ser levado a expor as idéias de Plínio sobre este assunto de maneira inexata e simplista. Da teoria de Plínio, Duarte Pacheco não retem com fidelidade senão a primeira parte: as águas convergem para o centro da terra.

Neste mesmo Capítulo 2 do Livro I, e sobre êste mesmo assunto, vemos um pequeno passo do **Esmeraldo** que provém seguramente da obra de Plínio:

“... porque sua natureza é sempre correr pera a parte mais baixa...”.

É também no Capítulo 67 (nas edições modernas 65) do Livro II da **História Natural** que encontramos a fonte de Duarte Pacheco:

“namque cum e sublimi in inferiora aquae ferantur et sit haec natura earum confessa”.

Passo que Christophoro Landino traduz:

“Impoche Andādo laque da alto nelbasso & qsto confessa la natura diquelle”.

E é ainda neste mesmo Capítulo 2 do Livro I do **Esmeraldo** que podemos ver uma frase que representa a conclusão de Duarte Pacheco sôbre êste assunto:

“... a terra deve cercar o mar, pois jaz dentro na sua concavidade e centro;...”.

Conclusão em que Duarte Pacheco pensa erradamente estar de acôrdo com Plínio, provindo afinal o seu êrro da má tradução de Christophoro Landino.

*

Poderemos ver ainda mais um passo do **Esmeraldo** (Livro III, Capítulo 1) em que a influência da tradução de Christophoro Landino é bem mais provável do que a de qualquer texto latino da obra de Plínio:

“... também diz Plínio no seu segundo livro da **Natural História**, capítulo sassenta e nove, no qual alega Celio e Antipatro, e assi Cornelio Nepote diz, que estes viram quem de Espanha navegou em Etiópia ou Guiné por fazer mercadoria, havendo isto por cousa muito de notar;...”.

Lemos no texto latino de Plínio, Livro II, Capítulo 69 (nas edições modernas 67):

“Praeterea Nepos Cornelius auctor est Eudoxum quendam sua aetate, cum Lathyrum regem fugeret, Arabico sinu egressum Gades usque peruectum, multoque ante eum Caelius Antipater uidisse se qui nauigasset ex Hispania in Aethiopiam commercii gratia”.

E na tradução italiana de Christophoro Landino:

“Cornelio Nipote scriue che uolendo uno chiamato Eudoxo fuggire delle mani del Re Lathiro: nauicho dal golfo dArabia insino in Gadi. Et Celio Antipatro: elquale fu molto innanzi a Cornelio: dice hauere ueduto chi per fare mercantia hauea nauichato dispagna insino i Ethiopia”.

Pacheco segue o texto de Plínio sòmente na última parte, e nesse passo faz um êrro e acrescenta uma palavra. O êrro está na referência a **Caelius Antipater** que Pacheco transforma em duas personagens, **Célio e Antípatro**. A palavra que acrescenta é **Guiné**. Trata-se, no entanto, também de um passo que nos parece demonstrativo de que Duarte Pacheco se serviu da tradução italiana: fazemos notar a semelhança da expressão **fazer**

mercadoria com a expressão **fare mercantia**, idéia que no texto latino é dada pela expressão **commercii gratia**.

*

Para além dos oito passos do **Esmeraldo** que acabamos de tomar em conta, e em que é bem nítido ter-se Duarte Pacheco Pereira servido não de uma qualquer edição latina da sua época da **História Natural** de Plínio, mas sim da tradução italiana de Christophoro Landino, poderemos agora mencionar mais onze passos da obra de Pacheco em que Plínio e a sua obra são citados, e que não desconfirmam a conclusão a que chegámos.

O primeiro dêstes passos podemos vê-lo no Capítulo 4 do Livro I do **Esmeraldo**:

“... e nos quinze graos de sua ladeza aparta dous braços, os quais depois adiante torna a juntar, e a terra que fica no meio destes braços é feita ilha e chama-se Meroe, e é muito grande e de grande povoação, e com muita parte melhor e mais rica que as outras ilhas que o mesmo Nilo com o derramamento de suas águas faz, segundo diz Plínio no seu quinto livro da **Natural História**, capítulo nove;...”.

Texto latino de Plínio, Livro V, Capítulo 9 (nas edições modernas 10):

“Insulas ita innumeras spargit, quasdamque tam vastae magnitudinis, ut quamquam rapida celeritate, tamen dierum quinque cursu non brevior transvolet: circa clarissimam earum Meroen, Astabores laevo alveo dictus, hoc est, ramos aquae venientis e tenebris: dextro vero Astusapes,...”.

Tradução de Christophoro Landino:

“Fa assai isole & alchune si grandi che benche corra uelocissimamente: nientedimento non in mem tempo che dicinque di lepassa & circa a Meroe laquale e nobilissima di tutte le sue isole: dal sinistro suo ramo e decto Aftabore cioe ramo daque uscite delle tenebre & dal destro e chiamato Aftufape:...”.

O segundo, terceiro, e quarto dêstes passos do **Esmeraldo**, podemos vê-los ainda neste mesmo Capítulo 4 do Livro I:

“... e assim diz mais que o Nilo corre vinte jornadas solapado per baixo da terra e, no fim desta carreira, torna outra vez a aparecer como se sentisse a gente;...”.

Texto latino de Plínio, Livro V, Capítulo 9 (nas edições modernas 10):

“... iterum arenis receptus conditur rursus xx dierum desertis ad proximos Aethiopus: atque ubi iterum senserit hominem, prosilit, fonte (ut verisimile est) illo, quem Nigrin vocavere”.

Tradução de Landino:

“& dipoi dinuouo si nasconde & ua sotto terra tra disertu .xx. giornate infino a proximani ethiopi & come se sentissi glhuomini dinuouo esce fuori nel fonte elquale chiamano Nigro”.

No terceiro passo do Capítulo 4 do Livro I do **Esmeraldo**:

“... e correndo por este modo os lados do Egipto, que todo alcança, rega, e a toda a província com suas águas dá mantimento,...”.

História Natural, Livro V, Capítulo 9 (nas edições modernas 10):

“Certis tamen diebus auctu magno per totam spatiatu Aegyptum, fecundus innatat terrae”.

Tradução de Landino:

“Et in certi tempi dellanno rigonfia in forma che tutto legypto richnopre & fallo fertile”.

No quarto e último destes passos do Capítulo 4 do Livro I do **Esmeraldo**:

“... e quando o Nilo crece em altura de doze côvados, senefica fome, e em treze faz razoada abastança, e quinze alegria, e dezasseis côvados de seu crescimento grande fertilidade; tudo isto diz Plínio no capítulo acima alegado”.

Plínio, Livro V, Capítulo 9 (nas edições modernas 10):

“Im duodecim cubitis famem sentit, in tredecim etiamnum esurit: quatuordecim cubita hilaritatem afferunt: quindecim securitatem: sedecim delicias”.

Tradução de Landino:

“In .xii. gomiti significa fame: Ne in .xiii. e fanza fame. In .xiiii. allegrezza. In .xv. ficurta. In .xvi. uezzi & dilicatezze”.

O quinto destes passos do **Esmeraldo** em que Plínio é citado, podemos vê-lo no Capítulo 5 do Livro I:

“... e diz Plínio no seu terceiro livro da **Natural História**, capítulo primeiro, que por a Europa ser mais excilente que tôdalas outras partes, ela nos dá o criador dos povos vencedores das gentes, e o seu sito e assento é muito mais fermoso que tôdolos outros; e alguns antigos escritores disseram que por a Europa ser de tanta bondade, estimaram que fosse não a terça parte da terra, mas a metade dela;...”.

Plínio, Livro III, Capítulo 1:

“Primum ergo Europa, altrice victoris omnium gentium populi, longeque terrarum pulcherrima, quam plerique merito non tertiam portionem fecere, verum aequam, in duas partes, ab amne Tanai ad Gaditanum fretum, universo orbe diviso”.

Christophoro Landino:

“Prima adunq diremo della Europa nutrice del popolo uincitore ditutte legenti & molto piu bella che tutte laltre terre: laquale molti uogliono essere nõ laterza: ma lameza pte diuidendo tutto elmondo per equal parte dal fiume Tanai insino allo stricto Gaditano”.

O sexto passo do **Esmeraldo**, com citação explícita de Plínio, vêmo-lo no Capítulo 14 do Livro I:

“... antiga cidade de Tânger, a qual está cinco léguas além d'Alcácer para fóra do estreito, e no seu antigo principio Tingi houve nome, segundo diz Plínio no seu quinto livro da **Natural História**, capítulo primeiro; o qual nome por muitos anos depois em Tânger lhe foi tornado;...”.

Plínio, Livro V, Capítulo 1:

“Oppida fuere, Lissa, et Cotta ultra columnas Herculis: nunc est Tingi, quondam ab Antaeo conditum: postea a Claudio Caesare, quum coloniam faceret, appellatum tracta Julia”.

Tradução de Landino:

“Citta furono iui Lissa & Cotte dila dalle colonne dHercole. hoggi e Tingi edificato da Antheo. Dipoi da Claudio cesare facto colonia: & fu chiamata tradocta Iulia”.

Ainda neste mesmo Capítulo 14 do Livro I, vemos o sétimo passo:

“Item. Jaz o cabo de Espartel e o arrecife d’Arzila, que antigamente se chamou Liza, segundo diz Plínio no seu quinto livro da **Natural História**, capítulo primeiro...”.

Plínio, Livro V, Capítulo 1:

“Oppida fuera, Lissa, et Cotta ultra columnas Hérculis: nunc est Tingi, quondam ab Antaeo conditum: postea a Claudio Caesare, quum coloniam faceret, appellatum tracta Julia”.

Landino:

“Citta furono iui Lissa & Cotte dila dalle colone d’Hercole, hoggi e Tingi edificato da Antheo. Dipoi da Claudio cesare facto colonia: & fu chiamata tradocta Iulia”.

O oitavo passo encontrámo-lo no Capítulo 21 do Livro I da obra de Duarte Pacheco:

“... isto com outras cousas sabemos das serras dos montes Craros que nos pareceo bem escrever nesta nossa obra, e ainda aderemos mais o que diz Plínio no seu quinto Livro da **Natural História**, capítulo primeiro, e Pompónio Mela no seu livro **De Situ Orbis**, e assi outros autores, os quais escreveram haver neste sito o monte Atalante, tão alto, que as nuvens excede, e dizem ser um só monte, com muitas fábulas que dele contaram; mas como quer que os antigos escritores não souberam esta provincia nem a praticaram como a nós temos praticado, portanto não é maravilha cairem em erro, porque tal monte, nem de tal feição, em tôda aquela região o não há, sòmente as grandes e muito altas serras dos montes Craros que muita parte de África de longo correm, como já acima dissémos, e estas parecem que devem ser o monte Atalante, as quais são muito desviadas da feição e outras cousas que os antigos escritores do monte Atalante disseram; e pois já temos isto dito, agora tornaremos a escrever os lugares e portos da costa do mar”.

Plínio, Livro V, Capítulo 1:

“ad montem Africae vel fabulosissimum Atlantem. E mediis hunc arenis in caelum attoli prodiderunt, asperum,

squalentem, qua vergat ad littora Oceani, cui cognomen imposuit: eundem opacum, nemorosumque, et scatebris fontium riguum, qua spectet Africam, fructibus omnium generum sponte ita subnascentibus, ut numquam satietas voluptatibus desit. Incolarum neminem interdiu cerui: silere omnia, haud alio, quam solitudinum horrore: subire tacitam religionem animos propius accedentium, praeterque horrorem elati super nubila, atque in viciniam lunaris circuli”.

Landino:

“onde si ua alfabuloso monte Atlante. Questo del mezo della rena surge al cielo. Aspero & iculto dallaparte delocceano da lui denominato: Ma dallaparte dAfrica e ombroso & seluoso & pieno difonti & dogni generatione difructi eq li pfemedesimi uinal cano iforma che ogni uogla sipuo satiare. Eldi nessuno habitatore uisuede. ogni chosa e in sōmo silentio pelhorrore delqle una tacita religione entra neglanimi di chi saccosta aquello. pretereia e sōmo horrore uederlo alto sopra enuoli & propinquo alcierchio lunare”.

O nono passo pode ver-se no Capítulo 23 do Livro I do **Esmeraldo**:

“... e porque esta nossa obra tomou principio da boca do estreito occidental, donde Plínio e Pompônio Mela e outros autores começaram escrever sua cosmografia...”.

Plínio, Introdução ao Capítulo 1 do Livro III:

“Terrarum orbis universus in tres dividitur partes, Europam, Asiam, Africam. Origo ab occasu solis et Gaditano freto, qua irrumpens Oceanus Atlanticus in maria interiora diffunditur”.

Landino:

“Questo nostro tondo della terra in tre parte si diuide in Europa Asia & Africha. Lorigine e dalloccidente & dalmar Gaditano donde entrante locceano Atlantico sisperge nemari mediterranei”.

O décimo passo pode ver-se no Capítulo 28 do Livro I do **Esmeraldo**:

“Pois já temos escrito do cabo Verde, e como se antigamente chamou Aspérico promontório, assi devemos escrever das ilhas que cem léguas em mar dele estão, as quais também naquela antiguidade foram chamadas Aspéridas, segundo diz Plínio na **Natural História** no seu sexto livro, capítulo trinta e um, e agora a principal delas chamamos ilha de São Tiago;...”.

História Natural, Livro VI, Capítulo 31 (nas edições modernas 36):

“Ultra has etiamnum duae hesperides insulae narrantur”.

Landino:

“Dopo queste pone due Hesperide”.

O décimo primeiro e último destes passos pode ver-se no Capítulo 1 do Livro IV do **Esmeraldo**:

“Pompônio Mela, no princípio do seu segundo livro e assi no meio do terceiro **De Situ Orbis**, e Mestre João de Sacrobosco, Inglês, excelente autor na arte da astronomia, no fim do terceiro capítulo de seu **Tratado da Esfera**, cada um destes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pola muito grande quentura do sol; donde parece que, segundo sua tenção, aquela tórrida zona por esta causa se não podia navegar, pois que a fortaleza do sol impedia não haver a habitação de gente; o que tudo isto é falso; certamente temos muita razão de nos espantar de tão excelentes homens, como estes foram, e assi Plínio e outros autores que isto mesmo afirmaram, cairem em tamanho erro como neste caso disseram, porque elles todos confessam a Índia ser verdadeiramente oriental e povorada de gente sem número; e como assim seja que o verdadeiro oriente é o circulo da equinocial, que por Guiné e pola Índia passa e com a maior parte dela tem vizinhança, craramente se mostra ser falso o que escreveram;...”.

Depois de citar Pompônio Mela e Sacrobosco, Duarte Pacheco cita Plínio de acôrdo com um passo do Livro II, Capítulo 70 (nas edições modernas 68), da **História Natural**, em que este fala das partes do globo terrestre julgadas inabitáveis — as zonas glaciais e a zona equatorial:

“Verum media terrarum, qua solis orbita est, exusta flammis et cremata comminus uapore torretur. Circa duae

tantum inter exustam et rigentes temperantur eaeque ipsae inter se non peruiaie propter incendium siderum”.

Tradução de Christophoro Landino:

“Quella delmezo perche e lauia delsole delcontinuo e abbronzata & arfa. Due solamente poste tra questa torrida & della Zona delmezo impedisce el cammino”.

Na segunda parte do texto do **Esmeraldo**, em que se trata da Índia, Duarte Pacheco refere-se certamente ao seguinte passo do Capítulo 17 (nas edições modernas 21) do Livro VI da **Natural História**:

“... Indiamque tertiam partem esse terrarum omnium, multitudinem populorum innumeram, probabili sane ratione”.

Passo que Christophoro Landino traduziu:

“... & che India e la terza parte di tutte le terre & innumerabile moltitudine di gente”.

Finalmente encontramos no texto do **Esmeraldo** oito passos em que apesar de nem Plínio nem a **História Natural** serem citados, a verdade é que a prosa de Duarte Pacheco reflete a influência desta fonte.

Os primeiros cinco passos encontrâmo-los no Capítulo 3 do Livro I da obra de Pacheco.

No primeiro dêles:

“... assi quiseram os antigos escritores que a terra, que souberam, em três partes devisa fôsse; e depois de passados muitos anos da reformation das gentes que no delúvio se perderam, e o orbe cheio da geração humana abastada de doutrina, Pompônio Mela e outros antigos cosmógrafos que a mesma terra por muitos anos andaram, e outras pessoas que isso mesmo per verdadeira enformação a souberam, em três partes notáveis a dividiram; e na quarta parte, que Vossa Alteza mandou descobrir além do oceano, por a êles ser incógnita, cousa algũa não falaram; as quais três, Asia, Europa, e Africa são chamadas, cujos nomes de seu antigo principio até 'gora longamente sempre duraram...”.

Duarte Pacheco refere-se explicitamente a Pompônio Mela, mas Plínio não está certamente fora de questão quando êle

fala nos **outros antigos cosmógrafos**. Pacheco refere-se seguramente à Introdução ao Capítulo 1 do Livro III da **História Natural**:

“Terrarum orbis universus in tres dividitur partes, Europam, Asiam, Africam”.

Passo que vemos traduzido por Christophoro Landino:

“Questo nostro tondo della terra in tre pte si diuide i Europa Asia & Africha”.

O segundo passo deste mesmo Capítulo 3 do Livro I do **Esmeraldo**:

“... e estas três, pelo estreito Gaditano ocidental, que per Cepta entra, com dous famosos rios, s. Tanai e Nilo, em três partes são divisas;...”.

Embora a fonte mais direta seja novamente Pompônio Mela e o **De Situ Orbis**, a verdade é que Plínio não está novamente fora de questão, e ainda na Introdução ao Capítulo 1 do Livro III da **História Natural**:

“Terrarum orbis uniuersus in tres dividitur partes, Europam, Asiam, Africam. Origo ab occasu solis et Gaditano freto, qua irrumpens Oceanus Atlanticus in maria interiora diffunditur. Hinc intranti dextra Africa est, laeva Europa: inter has Asia est. Termini amnes Tanais et Nilus”.

Tradução de Landino:

“Questo nostro tondo della terra in tre parte si diuide in Europa Asia & Africha. Lorigine e dalloccidente & dalmar Gaditano donde entrante locceano Atlantico sisperge nemari mediterranei. Diqui adunque entrando Africha a dextra: Europa a sinistra situoua. Tra queste e Asia. E termini sono due fiumi el Tanai & el Nilo”.

No terceiro destes passos do Capítulo 3 do Livro I:

“... cuja divisão faz princípio nos montes Rifeus que estão debaixo do polo ártico, onde Tanai nace...”.

Embora a fonte mais direta seja talvez de novo Pompônio Mela e o **De Situ Orbis**, a verdade é que Plínio e a sua **História**

Natural continuam a não estar fora da questão, desta vez no **Capítulo 12** (nas edições modernas 24), do Livro IV:

“Lacus ipse Maeotis, Tanain amnem ex Ripaeis montibus defluentem accipiens, novissimum inter Europam Asiam que finem”.

Tradução de Landino:

“Indi Meotis riceunte Tanai fiume elquale uiene de monti Riphei ultimo fine tra Europa & Asia”.

No quarto passo, as características são as mesmas, pois se **Pompônio Mela** é talvez a fonte mais direta, não deixamos de pensar que a influência da **História Natural** é também evidente, através, novamente do **Capítulo 12** (nas edições modernas 24), do Livro IV:

“... onde Tanai nace, o qual correndo contra meio dia, pela região dos Citas fazendo seu curso com grande impeto, entra no mar de la Tana, que antigamente Palude Meotis se chamava;...”.

Plínio:

“Lacus ipse Maeotis, Tanain amnem ex Ripaeis montibus defluentem accipiens, novissimum inter Europam Asiam que finem”.

Landino:

“Indi Meotis riceunte Tanai fiume elquale uiene de monti Riphei ultimo fine tra Europa & Asia”.

No quinto passo, ainda do **Capítulo 3** do Livro I do **Esmeraldo**, e com idênticas características, podemos ler:

“... e por êste rio e pelo mesmo medio terrano de Cepta que adiante corre, pelo estreito de Trácia, que Helespontos houve já nome, onde a cidade de Constantinopla é situada, fazendo fim adiante na lagoa Meotis, Europa de Ásia craramente é partida”.

Plínio, ainda no **Capítulo 12** (nas edições modernas 24), do Livro IV da **História Natural**:

“Lacus ipse Maeotis, Tanain in amnem ex Ripaeis montibus defluentem accipiens, novissimum inter Europam Asiam que finem”.

Christophoro Landino:

“Indi Meotis riceuente Tanai fiume elquale uiene de monti Riphei ultimo fine tra Europa & Asia”.

No Capítulo 4 do Livro I, Duarte Pacheco Pereira escreveu:

“... os autores cosmógrafos que com muita diligência trabalharam saber as causas do encher dêste rio em tal tempo, deram acerca disto muitas razões...”.

Lemos a êste respeito no Capítulo 9 (nas edições modernas 10), do Livro V da **História Natural** de Plínio:

“Causas hujus incrementi varias prodidere...”.

E na tradução de Landino:

“Molte ragioni assegnano diquesto crescimento...”.

No Capítulo 5 do Livro I, ainda Duarte Pacheco nos dá um texto em que nos fala dos **antigos escritores**, que são indiscutivelmente Plínio e Pompônio Mela:

“... e porque melhor se possa entender esta nossa obra, pusémos aqui pintado um mapa mundi da feição e descrição destas terras, no qual entrará a Europa, posto que dela não escrevemos, por ser ùa das quatro partes do orbe, ainda que os antigos escritores afirmaram serem três somente, s. Europa, Ásia e África, de que já atrás falámos...”.

Na **História Natural** de Plínio, na Introdução ao Capítulo 1 do Livro III:

“Terrarum orbis universus in tres dividitur partes, Europam, Asiam, Africam”.

Na tradução de Landino:

“Questo nostrò tondo della terra in tre pte si diuide i Europa Asia & Africha”.

Finalmente, no Capítulo 13 do Livro I do **Esmeraldo**:

“Da boca do medio-terrano occidental onde as colunas de Hercules se diz que foram postas, dous promontórios são, que naquelas partes tôdolos outros em altura e fremosu-

ra excedem; um deles é Abila no principio d'África, e o outro Calpe na Europa, no qual lugar propriamente é a boca do estreito Gaditano occidental, onde alguns escritores antigos disseram que até o mar oceano sòmente chegava; os quais promontórios agora por outro nome a ser-ra da Ximeira e monte de Gibraltar chamamos; e dêstes dous os excelentes cosmógrafos começaram a escrever o circuito do orbe, e nós isso mesmo assi faremos, mas será d'África e parte d'Ásia sòmente, porque da Europa foi já por êles tão largamente escrito que por isso não é mais necessário dizer-se cousa algũa;...".

No texto latino de Plínio, na Introdução ao Livro III:

"Proximis autem faucibus utrinque impositi montes coercent claustra: Abila Africae, Europae Calpe, laborum Herculis metae. Quam ob causam indigenae columnas ejus dei vocant, creduntque perfossas exclusa antea admisisse maria, et rerum naturae mutasse faciem".

Na tradução de Landino:

"Questo stretto e fra due monti Abila in Africha & Calpe in Europa ultimi termini delle fatiche d'Hercole: & credono che tagliato lo spatio fra le due colonne elmar entrasse fra terra elquale prima non entrava: & inquesto modo la natura muto forma alle chose".

(Continua).

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.